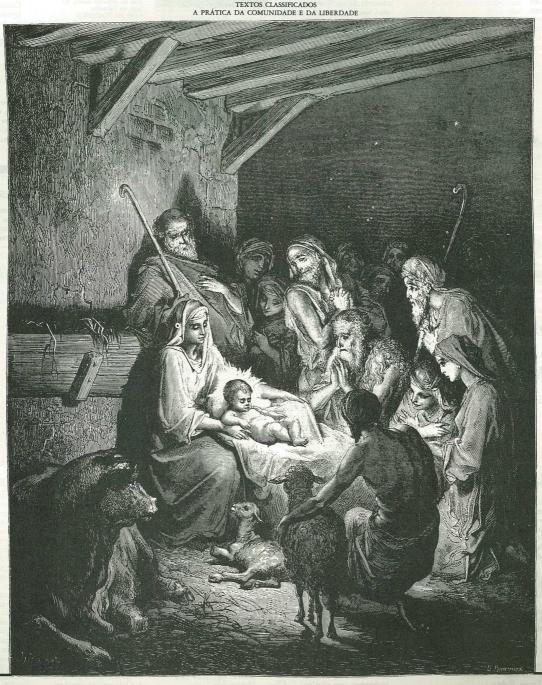
JORNAL
TRIMESTRAL
INFORMATIVO
FORMATIVO
E DIVULGATIVO
GDJ-IS

NESTE NÚMERO NOTÍCIAS PÁG. 2 — SABE O QUE É A COMUNHÃO DAS IGREJAS DOS IRMÃOS-SUL? PÁG. 2 — DONALD CRANE ENTREVISTA PÁG. 4, 5 — O NATAL VISTO PELOS POETAS PÁG. 8

NO PRÓXIMO NÚMERO
GANDHI MARINOVA A FIGURA DO TRIMESTRE
NÃO DESPREZEIS AS PROFECIAS!
1º CONCURSO DE TEXTOS LITERÁRIOS
TEXTOS CLASSIFICADOS
A PRÁTICA DA COMUNIDADE E DA LIBERDADE



ÚLTIMAS NOTÍCIAS

G.D.J. EM NOTÍCIA

Mais um ano de actividades comecou em Outubro! Em jeito de balanço final relativamente ao ano que terminou pode-se afirmar que graças a Deus o saldo é francamente positivo.

VISITAS CRUSADAS

De 26/10/80 a 31/5/81 foram visitadas 19 Igrejas algumas vezes. Neste esforço estiveram envolvidos 22 mensageiros de várias Igrejas. calculando-se uma assistência média de 60 pessoas.

SEMINÁRIOS

Realizaram-se 2 Seminários com os temas «PIONEIROS» e «O TRABALHO» com a colaboração de 7 oradores e uma assistência média de 100

IORNAL.

Este é o 4º nº do jornal Irmãos, portanto no próximo nº estamos de parabéns! Venda média por nº — 800 exemplares

PRÓXIMAS ACTIVIDADES

REUNIÕES DE VIZITAÇÃO

Continuarão este ano, sendo as Igrejas anunciadas com a devida antecedência.

SEMINÁRIOS

O próximo seminário será no dia 7 de Novembro na Igreja das Amoreiras com o tema «MINISTÉRIO DE JOVENS».

CONGRESSO

O 1º Congresso G.D.J. terá lugar nos dias 17 e 18 de Abril do próximo ano em local e com programa a anunciar proximamente.

IORNAL

publicidade esperamos aumentar a venda e chegar ao Brasil. Entretanto fazemos anos

Com um esforço de

Contamos com as vossas cartas de apoio e sugestões!

REUNIÕES COM LÍDERES **IUVENIS**

Realizaram-se 2 encontros deste tipo, esperando-se destas reuniões muito mais e melhor.

A IGREJA EM NOTÍCIA

No passado dia 12 de Julho realizou-se na Igreja Evangélica do Beato o baptismo de 18 novos Irmãos pertencentes a esta Igreja assim como à Missão de Azeitão

Oficializaram a cerimónia os irmãos Carlos Riço de Carvalho, António Alves Duarte e Ivan Fletcher

NOVAS CASSETES

Estão à venda duas EXPLÊNDIDAS cassetes, com músicas inéditas, óptima sugestões para presentes de

GRUPO BERACA

Composto por jovens da Igreja Evangélica de Leça da Palmeira, optou este grupo pelo nome Beraca que significa Bênção, Louvor.

É constituído por 10 jovens: José Carlos, Ana Maria, Joaquim Correia, Luciano Augusto, Helena Paula, José Luís, Hermínia, aquim Ramalho, Helena Maria, José Manuel.

Pedidos de cassetes para:

Grupo Beraca Rua do Espírito Santo, 47 Leça da Palmeira 4450 MATOSINHOS

GRUPO CANAÃ

Este grupo é composto pelos seguintes jovens da Igreja de St. a Catarina: Fernando Tavares — viola, harmónica, voz Luís Palmeira — viola, Walter de Carvalho — percursão, voz Rosemary — bandolim, voz. Conta ainda com a presença dos jovens João Velez, Igreja das Boas Novas — percursão, voz Paula Sousa, Igreja do Beato — piano, órgão, flauta, voz, além da participação especial do Victor e Isabel Tavares. Pedidos de cassetes para: Grupo Canaã Tv. de Santa Catarina, 3-r/c 1200 LISBOA

ESTE TRIMESTRE CONTÁMOS COM...

As ofertas continuam a chegar Por elas damos graças a Deus pois são o sustentáculo económico desta publicação. Bem hajam todos!

Ofertas relativas aos meses de Julho-Agosto-Setembro

António Calaim David Vilhena 1000\$00 1000\$00 João Velez José Água Reinaldo Silva Igreja Evangélica 500\$00 1000\$00 1000\$00 da Acafora 500\$00 Igreja Evangélica das Amoreiras 1000\$00 Igreja Evangélica da Foz 300\$00 Igreja Evangélica dos Lusíadas 1500\$00 Igreja Evangélica da O.M.E.C.A. 1500\$00 Igreja Evangélica de St^a Catarina 600\$00 Igreja Evangélica de Sintra Comunhão das 1000\$00 Igrejas dos Irmãos-Sul 10 000\$00

LUGAR AOS **LEITORES**

Escreva para a redacção e diga o que pensa acerca deste jornal. As suas opiniões e sugestões são de grande importância para

DESENHO

Gostas de desenho? Tens jeito para ilustrações e caricaturas? Escreve para Jornal Irmãos — Apartado 65 — 2726 MEM MARTINS CODEX

SABE O QUE É A COMUNHÃO DAS IGREJAS DOS IRMAOS-SUL?

Jaime Rodrigues

As diversas congregações que fazem parte da CIIS:

Igrejas Evangélicas de: Almada (Castelo) Alvalade (Lisboa) Amoreiras (Lisboa) Azeitão Beato (Lisboa) Boas Novas e suas missões (Lisboa) Caldas da Rainha e suas missões Centro de Almada (OMECA) e suas missões Lourinhã Lusíadas (Lisboa) Monte Redondo Olarias (Lisboa) Peniche Santa Catarina (Lisboa) Sines Sintra e suas missões

Torcatas e suas missões (Almada)

Torres Vedras

ara dizer o que é a Comunhão das Igrejas dos Irmãos-Sul ter-se-á de voltar Irmãos-Sul ter-se-á de voltar alguns anos atrás, para recordar como ela surgiu. Foi nos finais de 1970 que o irmão Jaime Rodrigues, sentindo uma grande falta de cooperação e, consequentemente, de comunhão entre as assembleias de Irmãos conserventemente. dos Irmãos, contactou com os irmãos responsáveis das diversas congregações com o fim de realizar um possível encontro. Aí, abertamente, trocariam impressões sobre uma aproximação e uma cooperação maior entre as diferentes congregações, que se tornasse numa força activa no meio evangélico português, denominadamente no sul. Vários irmãos aderiram a esta iniciativa, reconhecendo que cada um se encontrava no seu cantinho, fazendo esforços de evangelização, faltando algo que os unisse. Porém foi o Ir. Alfred Poland que mais prontamente apoiou o Ir. J. Rodrigues, e ambos conseguiram iniciar o que para muitos parecia irrealizável. Importa ainda dizer o que a Comunhão das Igrejas dos Irmãos-Sul (C.I.I.S.) não é: uma denominação, pois as igrejas que a ela aderiram continuam a ser livres e autónomas, sem sínodos,

convenções ou associações; uma autoridade superior para governar nem ambicionando sequer possuir autoridade jurídica, dado que cada igreja que a constitui tem já os seus estatutos aprovados pelas autoridades

ntão o que é a C.I.I.S.?

O É a aproximação ou união de igrejas livres, «chamadas dos Irmãos», para juntas levarem a cabo actividades que

isoladamente não teriam possibilidade de executar. 2.º É a comunhão íntima e espiritual entre algumas centenas de crentes, que até então não se

conheciam. É o encarar de frente, em unidade, problemas e necessidades de cada congregação, procurando numa ajuda recíproca a sua solução, sem com isso interferir na vida da igreja

em causa. É a ajuda desinteressada às pequenas congregações dos «Irmãos», que sem ela teriam de cessar as suas actividades ou de serem tomadas por movimentos ou denominações. Ao longo dos seus 10 anos de existência, a C.I.I.S. levou a

cabo muitas actividades, sendo de realçar:

- Campanhas Evangelísticas em Lisboa e Almada. - Congressos, um em

Coimbra e outro em Lisboa

etiros espirituais para Obreiros em Lisboa,

Almada e Carrascal Organizou cultos de avivamento em diversas

igrejas locais. Efectuou cultos públicos, ao ar livre para evangelização em Lisboa e Almada.

Manteve uma Escola Bíblica que funcionou na Igreja das Amoreiras e em OMECA.

Tem promovido um maior intercâmbio entre pregadores.

Realiza reuniões mensais para Obreiros, onde são tomadas decisões conjuntas, se fazem comunicações gerais, se dão informações mútuas de assuntos que de outra

maneira passariam despercebidos a alguns. Dá assistência às congregações de Caldas da Rainha, Torres Vedras e outras, apoiando o casal Tavares actualmente a trabalhar na área. Têm um «fundo

missionário» para manutenção de Obreiros a tempo integral e ajuda de igrejas com menores recursos.

Desde 1979 a Comunhão dá o seu apoio a um movimento entre jovens das assembleias dos «Irmãos», denominado Grupo Dinamizador de Jovens dos Irmãos-Sul (GDJ-IS), que está realizando um trabalho apreciável e digno de nota. A CIIS tem regulamentos aprovados entre todas as igrejas que dela fazem parte, os quais não interferindo na autonomia de cada um servem o interesse geral.

Em conclusão roguemos a Deus a sua bênção para este esforço unido, para a realidade desta comunhão e para num futuro muito breve se alargar o seu raio de acção com a abertura de novos lugares de pregação do Evangelho.

> COMUNHÃO DAS IGREJAS DOS IRMÃOS

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

A Comunhão das Igrejas dos Irmãos, levou a efeito uma reunião especial em Torres Vedras, no dia 1 de Agosto para apresentação oficial do casal missionário Víctor e Isabel Tavares que a partir de então passaram a exercer a sua actividade nas Igrejas das Caldas-Peniche-Torres Vedras. Com a presença de 140 Com a presença de 140 pessoas, representando 22 Igrejas e missões teve a reunião como tema geral «Confiança plena no Deus dos Impossíveis». Concluída com oração e bênção apostólica pelos irmãos José Bravo e José Ilídio Freire querens ter pelos irmaos jose piaro Ilídio Freire, queremos ter sido um grande passo para a Comunhão dos Irmãos, na unidade do Espírito e da Fé.

O PAPEL DO ESTUDANTE CRENTE E A EVANGELIZAÇÃO DE ESTUDANTES

Alan Pallister



1 Pedro 3:15 (1) «...santificai a Cristo, como Senhor nos vossos corações.»

coração no sentido bíblico é o centro da vida humana (emoções, intelecto e vontade) e é ele que controla tudo o mais. Devemos fugir à distinção, tradicional mas não bíblica, entre a parte «secular» e a parte «espiritual» da nossa vida. É fácil o crente vida. E fácil o crente evangélico, por influência do contexto católico, considerar que o verdadeiro serviço a Deus é a leitura da Bíblia, a oração, a evangelização e a participação no culto (a parte «espiritual») e considerar como secundária a parte «secular» que é estudar, trabalhar e participar na vida familiar e social em que está inserido. Lembro-me de ouvir dum estudante evangélico inglês que estava a participar numa semana especial de evangelização na sua universidade. O tema geral da semana era «Deus... ou nada?» Para poder ficar mais livre para servir o Senhor durante a semana pediu ao seu professor que o dispensasse do trabalho escrito, que devia apresentar regularmente, só naquela semana. O professor respondeu com uma leve ironia inglesa: «agora percebo que no seu caso é 'Deus... e mais nada' »! A lição é clara. Devemos ser controlados pelo Senhor em toda a nossa vida, em todos os níveis, a partir do centro (o coração). A Sua vida manifesta-se tanto no trabalho escrito como na evangelização pessoal. Mas o estudante cristão pode objectar: «Então se tenho que servir Deus nos estudos, não devo

Mas o estudante cristao pode objectar: «Então se tenho que servir Deus nos estudos, não devo ser o melhor estudante? Só assim é que os outros poderão ver a diferença que faz ser crente». O facto é que nem todos os crentes têm esta possibilidade e afinal a responsabilidade e afinal a responsabilidade de cada um não vai além do desenvolver plenamente das capacidades que Deus lhe deu. O que conta não é necessariamente a nota que possam tirar; é a maneira como estudam e organizam a sua vida. Deus pede não tanto o nosso êxito como a nossa fidelidade. Nas palavras de Paulo, as pessoas à nossa volta devem poder detectar em nós «o bom cheiro de Cristo» (II Cor. 2:14). Um aspecto, talvez negativo, mas no entanto de muito significado no testemunho do estudante crente será o não uso do «copianço» que geralmente é

considerado uma necessidade nos exames. Um aspecto positivo será a sua luta pela justiça e pela melhoria da qualidade do ensino através dos organismos competentes. Algumas vezes parece ser difícil justificar este testemunho integral em termos da sua eficácia ou resultados a curto prazo. Lembro-me dum colega na universidade, muito dado à evangelização, que me fez estas perguntas: «Quantas almas foram ganhas pelo facto de tu teres estudado muito e teres tirado uma essuadao munto e teres tirado uma boa nota?» E «Quantas almas podias ter ganho se tivesses usado o tempo a distribuir folhetos e falar de Cristo?» Inconscientemente tinha absorvido o espírito pragmático do nosso século, medindo a eficácia pelos números. Esquecera-se de que a nossa razão de ser não é «ganhar almas» (quem ganha as pessoas é o Espírito de Deus, não nós; *Provérbios* 11:30, o versículo que aparentemente apoia a ideia de o ganhar almas ser uma actividade humana, traduzido na versão de João Ferreira de Almeida; em lugar de «o que ganha almas sábio é» deveria ler-se «a iniquidade destrói as vidas»). A nossa razão de ser é dar testemunho pela nossa maneira de ser e de viver e pela nossa palavra. Quando estamos enraizados em Deus cultivamos naturalmente disponibilidade para Ele. E quando a nossa vida é realmente vivida para Ele podemos deixar os resultados nas Suas mãos

(2) «...estai sempre preparados...»

nossa vida como crentes não se enquadra dentro dos conceitos normais da nossa sociedade. Ao fazer um curso não estamos a pensar só no salário e na posição que possamos ter amanhã; consideramos que o estudo tem valor em si. Tentamos relacionar tudo o que estudamos com os valores revelados por Deus na Sua palavra. Para podermos fazer isto temos que identificar os pressupostos do que se nos comunica; por exemplo, o dogma do materialismo que é o pano de fundo do que se ensina sobre a origem do universo, ou o marxismo que serve como base do estudo da economia e da história. opções que assumimos devem ser sérias. Se quisermos ser criacionistas coerentes devemos saber demonstrar as lacunas

do sistema evolucionista e argumentar a favor da coerência do criacionismo Devemos ver quais são as características da visão marxista que o cristão pode partilhar (e para mim existem várias!) e onde estão as verdadeiras divergências. Em muitas questões não há uma opção única. Dentro de certos limites os crentes certos limites os crentes (duvido, por exemplo, no campo da política, que um crente a sério possa ser anarquista ou fascista!) podem tomar posições diferentes Esforçam-se por saber a verdade. Não se limitam a respostas já feiras. Também faz parte da nossa responsabilidade o perceber a realidade humana dos colegas, saber ouvir e levar a sério os seus problemas. Por que é que aquele colega responde ronicamente quando se lhe fala de Cristo? Quais são os seus problemas, a razão da sua instabilidade, a sua situação social e familiar? Não é preciso estar muito tempo na escola ou na universidade para perceber que um estudante não só um ser intelectual! Devemos estar 100% convencidos de que há uma resposta em Cristo para todos os problemas pessoais e intelectuais de cada um Devemos orar constantemente pela oportunidade de falar oportunamente. Não precisamos necessariamente de comunicar todo o «Plano da salvação» duma vez e nunca devemos ter uma mera relação de propagandista com as colegas ou qualquer outra pessoa. A nossa relação com eles será a dum autêntico amigo, aberto e convicto.

(3) «para dar uma apologia, com mansidão e temor, a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós»

so a palavra
«apologia» na tradução porque
é a palavra que se usa no
grego. Considero a apologética
importante mas esta palavra
precisa de ser bem definida.
Alguns anos atrás tornou-se
muito popular em alguns
círculos a ideia do diálogo.
Também, entendendo bem a
ideia, considero que devemos
ser dialogantes.
Mas uma «apologia» é uma
palavra de defesa, uma palavra
racional. O nosso diálogo não
é apenas uma troca de
impressões, estando a nossa
mensagem em pé de igualdade
com qualquer outra, e sendo
comparada com outras duma
maneira completamente

neutral. A nossa posição é de convicção total nas bases, mas na aplicação nunca devemos pretender ter todas as respostas; em alguns aspectos o nosso colega ateísta pode ter razão e nós estarmos profundamente errados. De todos podemos aprender alguma coisa e a amizade com pessoas com ideias muito diferentes das nossas será enriquecedora não só para elas mas para nós também A apologética não se deve entender como uma maneira indirecta e racional de tentar fazer o que a pregação do evangelho faz directamente. A evangento laz directamente. A apresentação directa pode ser a melhor apologética, e chamamos-lhe «apologética» porque por ela apelamos às razões que apoiam a nossa fé e relacionamos a mensagem com o contexto, linguagem e ideias do ouvinte. A razão não converte as pessoas: só o Espírito Santo, que opera eficazmente nelas, é que realiza o milagre da regeneração. Mas o uso da razão e o diálogo aberto na comunicação e aplicação da mensagem podem ser instrumentos poderosos preparando o caminho para a obra de Deus no seu coração. É comum descrever o discurso de Paulo em Atenas, apelando à consciência que os atenienses tinham um Deus desconhecido, como
«apologética» (Actos
17:22-31) e os outros
discursos como apresentações directas do evangelho. Mas os outros sermões de Paulo também são apologéticos; pelo uso da razão apelam à base comum que existia com os ouvintes (no caso dos judeus, as Escrituras) e argumentam que a aceitação de Cristo é a única consequência lógica a que eles devem chegar partindo desta base. Tanto o sermão em Atenas como o de Antioquia da Pisídia (Actos 13:16-25), são boa apologética e boa apresentação da mensagem. Será que temos accomina erá que temos aprendido a relacionar a nossa mensagem com as questões importantes que os nossos colegas põem nas escolas e universidades de Portugal?

> dia 14 de Março de 1982

Prezado Amigo e Irmão em Cristo:

Sempre que mais um Natal bate à porta, a par de uma alegria pelo significado da celebração, surge uma enorme tristeza motivada pelos desvirtuamentos e hipocrisias a ele associado, aos quais nos crentes não fugimos, surgindo nesta altura uma Igreja momentânea, não correspondente à realidade de um ano vivido.

Celebrar o Natal o que é? Um facto histórico? Uma época especial de caridade, boa vontade, gestos gastos e frases feitas? Ou será que é viver os valores que Jesus pregou?

A mensagem de I a Coríntios 13 é uma realidade para nos? São as nossas Igrejas locais verdadeiras comunidades? Podemos mostrar uma bela "fachada" cristã, mas...e acerca de João 13:34,35?

E, querido irmão, não basta "amares" quem tem afinidades contigo, quem pertence ao teu extrato cultural ou económico, quem é simpático, bem falante, quem ocupa lugares importantes na Igreja, é preciso amares o outro, ao que vive a teu lado diariamente perdido e sem salvação, ao que é menos culto, mais pobre, áquele que está doente, que precisa de amparo econômico, que tendo dado muito ao serviço do Mestre por alguma razão está atravessando uma crise espiritual, etc. etc. etc.

Neste Natal de 81 um apelo fica para o ano de 1982:

QUE POSSAMOS VIVER UMA VERDADEIRA PRÁTICA DE AMOR, SENDO UM FIEL ESPELHO DE UM CRISTO REAL, VIVO EM NÓS E ATRAVÉS DE NŐS, NUM CONSTANTE E VERDADEIRO ESPÍRITO DE NATAL!

ATÉ AO PRÓXIMO TRIMESTRE

DONALD CRANE **ANOS EM PORTUGAL**

Entrevista conduzida por Fernando Ascenso da Silva em exclusivo para o Jornal Irmãos e Instituto Bíblico Português

Filho dum condutor de comboios nos Estados Unidos. Bacharel em Grego e licenciado em teologia pela Trinity Evangelical Divinity School. Membro duma igreja missionária. Professor de teologia no seu país. Em 1971 chega a Portugal com a visão de estabelecer uma escola bíblica. 10 anos depois, considera o alvo atingido e parte para o próximo campo. Deixa aqui muitos amigos e sobretudo um vibrante testemunho. Aqui fica um resumo da conversa que tivemos numa das últimas noites em Portugal.

Fernando Ascenso — Que imagem tinha de Portugal quando partiu da sua terra?

Donald Crane — A imagem que eu tinha de Portugal era uma imagem imensamente fraca. Eu tinha lido, acerca de Portugal, no livro escrito pelo Dr. Robert Evans, «Let The Europe Hear» (Que a Europa Ouça). Neste livro ele fala de todos os países da Europa (...). Eu tinha estado na Itália com a Operação Mobilização, anos atrás, e por aquilo que tinha lido acerca de Portugal pensei que era muito semelhante à Itália. Um país quase mediterrânico, com um povo latino. Vinha com esta mentalidade.

F.A. — E qual foi a sua reacção quando chegou?

D.C. — Não foi de surpresa porque era muito semelhante ao que eu tinha imaginado. Portugal tem muitas semelhanças com a Itália. Estranhei um pouco a língua, mas com o italiano e espanhol que sabia não foi muito difícil começar a trabalhar a língua portuguesa. Achei o povo muito aberto. Foi muito mais fácil fazer amigos aqui do que em outros países que tinha visitado. Gostei imenso. Gostei do povo português e ainda gosto.

F.A. — Quando chegou a Portugal, quais foram as suas primeiras tarefas?

D.C. — Bem, a primeira tarefa foi compreender e falar a língua. O Dr. Faircloth deu-me oportunidades para trabalhar na Igreja da Parede. Comecei lá a fazer estudos com os jovens. Depois tive oportunidade para pregar. Na altura de abrir a igreja de Tires, Beatriz e eu ajudámos com a formação do grupo de jovens e particularmente na Escola Dominical. Foi uma boa experiência de iniciação do trabalho em Portugal.

F.A. — Chegou aqui em 1971. Em 1974 aconteceu o 25 de Abril. Como reagiu, bem como a sua família, a esta mudança?

- A época foi muito difícil para nós, emocionalmente. Não sabíamos para onde o país ia, e perguntávamos se podería-mos continuar o trabalho ou não. Naquela altura já tínhamos começado os nossos estudos por extensão e durante a época da revolução apenas perdemos duas aulas! Continuámos com o programa por extensão. Simplesmente houve tensões. Acho que todos os portugueses as sentiram. Tensões que tinham raízes mais na incerteza do futuro.

F.A. — Como compara as igrejas em Portugal, antes e depois do 25 de Abril?

D.C. — Como campo missionário nunca senti que houvesse limitações para o meu trabalho, excepto no que diz respeito a conseguir a associação Instituto Bíblico Português. Seria muito mais difícil o Instituto conseguir uma situação legal antes do 25 de Abril. Acho que podíamos existir, mas não era viável como associação livre com capacidade de agir e de ter os seus bens. Mas havia liberdade para pregar, ensinar e agir livremente. Havia descrentes necessitados de ser evangelizados e continua a

Com o 25 de Abril e o regresso dos retornados, abriram-se opor-

Com o 2) de Abril e o regresso dos retornados, abriram-se oportunidades mais dramáticas do que as que existiam antes. Eles são e continuam a ser os mais receptivos ao Evangelho. Com a nova liberdade que o 25 de Abril nos trouxe, eu esperava uma igreja muito mais agressiva do que ela é, e ainda estou à espera de ver a igreja tomar mais iniciativas, com as grandes liberdades que ela tem. Não sabemos quanto tempo isto vai durar.

F.A. — Acha alguma diferença na mentalidade dos crentes evangélicos em Portugal?

– Parece-me a mim que tem havido uma entrada na igreja duma certa politização e que alguns crentes tomaram posi-ções políticas que prejudicaram a própria vida da igreja. Assuntos sociais e assuntos políticos tomaram quase a primazia na sua mente. Nota-se agora uma mentalidade materialista mais enraizada (...). Temos pessoas mais preocupadas do que antes com a vida materialista.

F.A. - Vamos voltar ao Instituto. Como nasceu a ideia do IBP?

- Bem, a ideia nasceu com o Dr. Samuel Faircloth. Eu, na América, tinha a formação para isto e a nossa Junta Missioná-ria pediu-nos que viéssemos a Portugal com a possibilidade de abrir uma escola bíblica. Naquela altura a única escola viável para as igrejas evangélicas era o Seminário das Igrejas Baptistas. Ainda não existia a escola de Fanhões. As igrejas dos irmãos e outras denominações não tinham qualquer hipórese duma formação teológica além do programa que as suas igrejas ofereciam. Depois de chegar aqui e fazer uma pesquisa, depois de falar com os irmãos portugueses e missionários, fiquei com a convicção firme de que era necessária uma escola bíblica interdenominacional.

F.A. — Quais foram os primeiros passos para a formação do Instituto?

D.C. — Quisemos formar uma escola não necessariamente nos moldes da América ou Europa do Norte, mas uma escola que enfrentasse e solucionasse as necessidades das igrejas portuguesas. Ao fazermos uma pesquisa, verificámos que muitos irmãos do país que tinham posições de liderança nas igrejas, no ensino, na pregação, dirigindo propriamente o trabalho da igreja, não tinham as bases bíblicas para o trabalho que estavam a fazer. Muitos deles não se podiam deslocar para estar 3 anos numa escola

bíblica residencial. Por isso, pensámos em oferecer primeiro um programa viável para estes — o programa por extensão, com centros em vários pontos do país. Depois, em 1977 abrimos a escola residencial dedicada aos alunos que podem dispor de 1 a 3 anos para uma preparação mais profunda e mais completa.

F.A. — Qual a estratégia no estabelecimento do Instituto?

D.C. — Estabelecemos um programa para vários níveis de educação, porque nas igrejas portugueses existem irmãos com mais experiência, com menos experiência e alguns sem qualquer experiência. Alguns alunos que querem ser formados teologicamente só têm a 44 classe, outros têm formação secundária e outros formação universitária. Um dos grandes erros da Educação Teológica em outros países tem sido o de fornecer formação aperas a um ripo ou nível de pessoas, que normalmente é o nível nas a um tipo ou nível de pessoas, que normalmente é o nível universitário. Ora, há muitos irmãos que estão a ajudar as suas igrejas, com posições bem importantes, que não têm esse tipo de formação mas que precisam de formação bíblica. Foi por isso que procurámos formar um programa que fosse ao encontro das ne-cessidades actuais dos líderes portugueses e dos líderes poten-ciais. Ainda temos a ideia de começar uma escola bíblica nocturna, conferências bíblicas para ajudar os próprios pastores,

F.A. — Qual tem sido até este momento a experiência de ensinar simultaneamente pessoas de vários níveis?

- A nossa experiência até aqui tem sido positiva. Não posso dizer que tem sido tudo positivo mas estamos bem anima-dos. O nosso programa por extensão funciona desde 1974 e tem servido centenas de alunos. Muitos aproveitaram bem e estão a servir nas suas igrejas. Até têm nascido novas igrejas como resultado deste trabalho.

O programa residencial também tem sido um bom programa. Temos mantido uns 30 alunos no Instituto Bíblico durante os últimos anos. Temos promovido e participado em conferências por outros, mas é um ramo da educação bíblica que queríamos investigar ainda mais.

F.A. — Como é que explica a importância do Instituto para a igreja local?

D.C. — A igreja local tem um alvo. Foi expresso por Cristo. Este alvo é de criar a Sua Igreja em todo o mundo e levar o Evangelho a toda a gente. Para cumprir este alvo, precisamos de obreiros formados, capazes, que conheçam a Palavra de Deus. Obreiros que, além dos dons que o Espírito Santo dá, tenham capacidade de os exercer e conheçam bem a Palavra, com a prática e tudo o que isso exige. O Instituto é simplesmente uma ajuda na igreja local para a formação dos seus obreiros. Não é uma igreja local, mas é uma ajuda para ela formar os seus obreiros, para cumprir a missão que Cristo lhe indicou.

- De que forma tem o Instituto trabalhado no seio das igrejas locais?

D.C. — Por princípio, todo o pessoal do Instituto são membros de igrejas locais. Todos nós trabalhamos em igrejas locais. Nós somos pela igreja, não somos de forma nenhuma contra a igreja. Além disso nós temos trabalhado intimamente com os líderes das próprias igrejas, tanto quanto possível. Os centros por extensão têm sido formados por irmãos de igrejas locais, nas próprias igrejas, com a intenção de formar obreiros para servir nas suas próprias igrejas. O programa residencial é um pouco mais difícil, neste sentido.

Qualquer aluno que pede inscrição para o Instituto precisa de vir com o apoio da sua igreja local. Quando vem para o Instituto, semanalmente, presta serviço cristão numa igreja local da sua denominação. O Instituto anima os alunos a continuarem fiéis à sua própria igreja, não fazendo quaisquer programas que choquem com o seu programa na igreja local.

F.A. — Acha que os graduados do Instituto estão a desenvolver ministérios significativos?

D.C. — Ainda temos poucos graduados, porque ainda somos uma escola nova. Mas em relação aos que temos, posso dizer que sim! Temos vários que estão envolvidos no estabelecimento de novas igrejas, temos outros a trabalhar com literatura, com missões de retornados, etc. e estão a andar para a frente. Acho que os próximos anos vão dar-nos muita evidência da eficácia da formação que o Instriuro tem dado. mação que o Instituto tem dado.

F.A. — Acha que a tendência é para se envolverem mais em organizações ou igrejas locais?

D.C. — É mais fácil para um jovem, ao sair dum Instituto Bíblico, envolver-se numa organização que mais facilimente consegue apoio financeiro, por isso há uma certa tendência para isso. (...) Mas estamos a ver os jovens a querer entrar no trabalho pastoral. Temos um casal que foi chamado pelos irmãos para trabalhar na região de Caldas da Rainha. Começam o trabalho esta por consegue a lho este ano.

F.A. — O Instituto visa formar pastores?

D.C. — O Instituto tem por alvo ajudar as igrejas locais na formação dos seus obreiros (plural). Parte deste trabalho é a formação de pastores, mas o desejo do Instituto não é pensar simplesmente nisto. Obreiros das igrejas evangélicas inclui: professores da Escola Dominical, conselheiros, evangelistas, pastores, missionários, etc. O Instituto com a sua formação tem uma visão larga, tão larga como a igreja é. O nosso propósito é ajudar a

igreja a formar obreiros para todo o trabalho e não somente pastores.

F.A. — Qual a sua opinião sobre os estudantes que têm tido no Instituto?

D.C. — Os nossos estudantes são pessoas reais, com problemas emocionais, com problemas espirituais, mas posso dizer-lhe que há um elevado nível de dedicação entre os jovens que temos tido no Instituto, e para mim, tem sido um privilégio trabalhar com eles. Nós estamos numa luta, porque o discipulado é sempre uma luta. Eu não posso dizer que trabalhar com os jovens do Instituto é sempre fácil. Não é. Nem é fácil para eles viverem comigo. Mas eu digo que com a dedicação para o Senhor e a Sua obra, eles vão para a frente e vão abalar Portugal para Cristo.

F.A. — Como vê no futuro o suporte destas pessoas?

D.C. — É muito difícil para um jovem diplomar-se no Instituto e entrar logo no trabalho em tempo integral numa igreja local, porque as infra-estruturas para isso, em Portugal, ainda não existem, particularmente nas denominações mais pequenas. Muitos dos nossos jovens terão que se empregar, e para aqueles que desejam ir para regiões não evangelizadas do país, criar novas igrejas, terão de ir lá, empregar-se naquela zona e começar o trabalho. Eventualmente, quando o trabalho chegar a uma dimensão suficientemente grande para apoiar o obreiro, ele pode desistir do seu trabalho secular e dedicar o seu tempo exclusivamente à sua igreja. (...) Há oportunidades, claro, para as organizações para-igreja, mas estas são as menos importantes agora.

F.A. — Pode citar a maior vitória durante estes 10 anos?

D.C. — A maior vitória para mim talvez seja a existência do Instituto. Viemos com uma visão, uma esperança, mas sem qualquer dinheiro, sem pessoal. Deus concedeu o pessoal, o dinheiro, os alunos e o apoio das igrejas locais. Hoje, existe o Instituto Bíblico Português ao serviço das igrejas locais. (...)

F.A. — Acha que comunicou a sua própria visão a outras pessoas? Deixa discípulos?

D.C. — Eu devia ter dito há pouco que quando considero a existência do Instituto como a maior vitória, não estou a pensar no edifício, mas sim na existência de discípulos. Sim, eu acho que esta visão foi compartilhada e há irmãos na fé a agir, com trabalho a fazer, e estão dedicadamente a seguir a visão que Deus lhe deu. Com isto, eu saio de Portugal com uma grande satisfação.

F.A. — Na sua opinião, quais são as maiores necessidades das igrejas evangélicas em Portugal, neste momento?

D.C. — Posso dizer que há muitas necessidades mas há duas que são as de maior importância para mim. Eu acho que a maior necessidade da igreja é de viver aquilo que ela crê. Nós decoramos o Evangelho, nós precisamos de viver diariamente esse Evangelho. Se estivéssemos a viver diariamente o Evangelho de Legue Cristo. Portugal seria por por general para por porte placeta.

Jesus Cristo, Portugal seria por nós abalado.

A segunda necessidade que eu vejo, é de homens e mulheres com visão e fé. Homens e mulheres com coragem de andar com esta visão e deixar Deus fornecer aquilo que é necessário para cumprir a visão. Portugal precisa de visão portuguesa e andar com esta visão.

F.A. — Fale-me um pouco da sua família.

D.C. — Nasci numa família de crentes dos Estados Unidos. O meu pai é condutor de comboios. Ele e a minha mãe são crentes firmes. Fui criado na igreja. Os meus pais criaram filhos para honrar o Senhor e Deus abençoou esta família. Tenho um irmão que é missionário no norte do Alasca. A minha irmã é enfermeira, serve como professora da Escola Dominical, no coro, etc. numa igreja em Carolina do Norte. A minha igreja é uma igreja missionária. Já enviou mais de 50 missionários e um número quase igual de pastores para os Estados Unidos. (...) Casei com Beatriz em 1966. É uma senhora muito dedicada ao Senhor. Já tinha servido como missionária na América. Deus

Casei com Beatriz em 1966. E uma senhora muito dedicada ao Senhor. Já tinha servido como missionária na América. Deus deu-nos três filhos — a Stephanie, o Henrique e o Daniel. To-dos eles têm sido uma grande bênção para o nosso trabalho, trazendo crianças — amigos deles — para a Escola Dominical, alguns dos quais aceitaram o Senhor.

F.A. — Os seus filhos têm deixado uma excelente impressão entre aqueles que têm convivido com eles. Conte um pouco sobre o vosso papel como pais.

D.C — Bem, talvez não convenha muito falar agora porque os meus filhos ainda não são crescidos, mas todos eles conhecem o Senhor como Salvador e Senhor e têm sido também uma bênção para a igreja. Como pais, achamos que o nosso papel é um papel espiritual. A disciplina, educação e amor para os nossos filhos é tão uma obra espiritual como pregar uma mensagem ou dar uma lição. Neste sentido, dedicamos tempo aos nossos filhos. Muitos pastores americanos no passado cometeram o erro de «sacrificar os filhos para Cristo» e muitos deles, infelizmente, têm criado filhos que não andam com o Senhor.

Dedicar tempo aos filhos não é fácil. Há uns anos, Beatriz e eu

Dedicar tempo aos filhos não é fácil. Há uns anos, Beatriz e eu decidimos dedicar um dia por semana à nossa família e ainda defendemos esta ideia. Damos passeios com os nossos filhos, etc. Cada noire lemos com os nossos filhos em família

Cada noite lemos com os nossos filhos, em família. Fazemos leituras de bons livros, juntos. Nós achamos que o

tempo de começar a educar um filho é o momento em que ele nasce. A educação, a disciplina do filho começa naquele momento. Achamos que a responsabilidade principal na educação das crianças, pertence aos pais. Se os meus filhos não conhecem a Palavra de Deus e não sabem agir no mundo, a culpa é minha. Por isso, acho que o ensino básico sobre assuntos como: vida espiritual, finanças, relação rapazes/meninas, e outros, é primeiramente uma obrigação dos pais. Por isso, passamos tempo com os nossos filhos.

F.A. — Sei que os seus filhos são apaixonados pela leitura. Como se cria esse gosto nas crianças?

D.C. — Criamos um gosto nas crianças quando nós próprios temos esse gosto. Eu e Beatriz sempre temos lido muito. Não temos televisão em casa. Em vez de passar tempo a ver televisão, todos nós passamos tempo a ler. Em vez de gastar muito dinheiro em móveis e outras coisas, temos uma biblioteca grande. Simplesmente porque temos amor pelos livros e desde o princípio leio aos meus filhos. Eles desenvolveram um gosto pelo livro. Hoje preferem ler um livro que fazer muitas outras coisas.

F.A. — Já que falou nisso, não acha que é importante ter uma televisão em casa para estar informado?

D.C. — Acho que sou uma pessoa mais ou menos informada e não tenho televisão. Leio o jornal todos os dias, leio certas revistas semanais e passo mais tempo a ler do que a ver televisão. Acho que é muito possível estar bem informado sem ter televisão.

F.A. — Já escreveu para o jornal IRMÃOS. Como viu o aparecimento deste jornal?

D.C. — Fiquei muito contente. Acho que este jornal tem o potencial de ser o elo de ligação entre as igrejas dos Irmãos em todo o país.

F.A. — Que pensa da actual imprensa evangélica?

D.C. — Acho que existem muitos jornais, muitas cartas informativas, mas falta verdadeiramente um jornal ou uma revista de qualidade para todas as igrejas evangélicas no país. Preferia ter menos jornais, menos revistas. mas ter um ou dois a sério, que servisse não só de elo entre os membros das igrejas duma denominação mas de todos os evangélicos do país. Uma revista onde pudesse haver debate de questões de grande importância que nos interessam a todos nós. Um tipo de Christianity Today. Acho que isto seria muito bem sucedido em Portugal. Poderia ser um passo positivo para a frente para a acção em comum das igrejas, num jornal interdenominacional.

F.A. — Vai sair de Portugal, mudando de campo, porquê?

D.C. — Um missionário tem por carreira «montar» igrejas e trabalhos e deixar esses trabalhos nas mãos de outras pessoas. Ele, por definição, não é permanente. Se for permanente, não é missionário. Ele é uma pessoa que também (no nosso caso) depende duma Junta Missionária que tem uma visão mais ampla. A visão da nossa missão é uma visão duma amplitude europeia. Eu vim a Portugal com uma visão, um alvo, e cheguei ao ponto de verificar que este alvo está a ser cumprido. Existe o Instituto Bíblico. Estou pronto e gostava imenso de ficar em Portugal mas também há outros países e outras necessidades. A nossa Junta da Missão Europa Maior pediu a Beatriz e a mim que aceitássemos uma nova responsabilidade na Europa Central (França, Alemanha, Áustria e países de leste). Nesta área temos 4 escolas bíblicas e várias equipas no estabelecimento de igrejas. Temos um total de 90 missionários nesta zona. A nossa nova tarefa será a de orientação, estímulo e direcção deste trabalho.

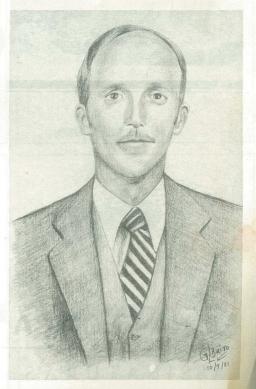
F.A. — Tem uma palavra final para os leitores que o conhecem?

D.C. — Uma palavra final terá que ver com as duas maiores preocupações que eu tenho para as igrejas de Portugal. Esta palavra será:

Viva aquilo que crê. Trabalhe para Deus. Peça que Deus lhe dê um ministério sério no campo em Portugal e ande para a frente com isto.

> dia 14 de Março de 1982





O CRISTÃO E O ANO INTERNACIONAL DO DEFICIENTE

Maria das Graças Fontoura



odemos ver em todos os evangelhos o ministério de acção realizado por Jesus Cristo, pleno de compaixão e misericórdia! Vemos em S. João 5:5: «Estava ali um homem enfermo havia trinta e oito anos»; e em 5:6: «Jesus vendo-o deitado e sabendo que estava assim, havia muito tempo, muito tempo, perguntou-lhe: 'Queres ser curado?' Respondeu-lhe o enfermo: 'Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque quando a água é agitada, pois enquanto eu vou, desce outro antes de mim'. (5:7) Então disse-lhe Jesus: 'Levanta-te, toma o teu leito e anda'» (5:8). No nosso mundo cristão actual, quantos deficientes há que estão à espera de alguém que os trate, e não só isto, mas de alguém que os integre na comunidade, na escola, na família, na igreja, ou seja no seu mundo e cantinho especial? E quem vai fazê-lo? Será que o deficiente nunca se tornará normal? Vamos pensar e pesquisar qual será a orientação Divina para a sua vida: por que será que acontece a deficiência? Como transformá-la segundo os propósitos de Deus? CAUSAS HUMANAS: Acidentes genéticos; mongolismo; síndrome baixo; desenvolvimento mínimo do cérebro; cérebro afectado; células mortas que não podem ser rejuvenescidas; outros tipos de deficiências gerais. extensão particular. São um fardo familiar profundo e marcante. No caso das crianças deficientes mentais, necessitam de carinho e

total, cuidados, encorajamento, motivação e Amor, na sua maior e total expressão. Qualquer pessoa poderá interrogar-se: Por quê tudo isto? A resposta está numa integração da pessoa neste tipo de trabalho, e desta forma

cuidados hospitalares, técnicos, etc. Também são

necessários tratamentos especializados, de higiene

compartilhar o amor de Deus A compreensão será imediata. CARACTERÍSTICAS NOS **DEFICIENTES MENTAIS:** Uns são vagarosos, outros severos; alguns aprendem a ler e a escrever, enquanto outros fazem-no com grandes dificuldades; infantilidade no seu pensamento e acção, bem como nos seus comportamentos, etc.; todos necessitam de um trabalho junto à sociedade, o que, se for englobado, poderá tornar-se benéfico, dentro de uma possível independência e recuperação; uns são treináveis, outros recuperáveis. Porém, como será possível recuperá-los para a acção cristã autêntica? A tendência científica natural tem como arrogância falar, baseada num diagnóstico precoce. Mas, e embora esse diagnóstico seja muitas vezes válido, pois que tem como alvo a prevenção de um mal difícil de corrigir no futuro, isso não é suficiente, pois tem cana have que haves que haves produces de la constant de la pois tem que haver um trabalho e uma solução material e também espiritual. Em outras palavras, é preciso que à técnica se junte um trabalho espiritual sábio, conduzido por Deus.

Mas, para nós cristãos, qual
tem sido a nossa atitude em
relação às crianças deficientes (mentais)?

A base inicial para o trabalho com a família que tem filhos deficientes, é a oração. Normalmente, a reacção do cristão perante esta problemática é o temor, associado à confusão, e a algumas formas inconscientes de rejeição causadas pela não compreensão do problema, e até mesmo pela ignorância em não saber lidar com o mesmo. ERROS DE COMPREENSÃO DO PROBLEMA: — Muitas pessoas:

evitam encarar o problema como ele realmente é, e não tentam transformá-lo, como devem, perante os olhos de Deus. «Deixai vir a mim Deus. «Deixai vir a mim os pequeninos, e não os embaraceis, porque dos tais é o Reino de Deus» — Lucas 18:16.

imaginam a violência, como forma de reacção normal da criança deficiente;

temor, causado pela ignorância em não saberem lidar com a criança afectada. Vêem-na como um «tolo»

sem recuperação, trazendo assim um conflito à própria

família do deficiente. Existe entre muitos cristãos o Existe entre muitos cristaos o sentimento de que a deficiência é uma punição por algum pecado terrível cometido no passado, pelos pais do paciente, da parte de Deus. É triste termos de encarar esta forma errada de perseguento. Nida tem do pensamento. Nada tem de bíblico e de coerente. Ao contrário, só irá paralizar a compreensão do amor e os cuidados requeridos para o desenvolvimento espiritual, do deficiente, segundo a vontade de Deus. O deficiente necessita sim, de protecção divina e orientação daqueles que encaram e enfrentam este ministério tão pouco desenvolvido entre o povo de Deus. Devemos ter mais consciência das dificuldades, e encaminhar o deficiente com toda a sensibilidade, através de pessoas conscientes e experimentadas nesta área. A compreensão é a chave da ajuda para tirar do isolamento

as famílias cristãs que têm filhos deficientes. É necessário um convívio sadio entre a crianca deficiente e outras crianças normais, para que haja uma inter-acção e integração, facilitando desta forma o relacionamento natural, e demonstrando também uma atitude de segurança e acalento para com estas famílias que sofrem o martírio da insegurança, visto que elas também fazem parte do Corpo de Cristo. Necessitamos de ver onde está a nossa consciência de cristãos, e o temor de Deus, para verificarmos se temos cooperado com a vontade de Deus, para a edificação e o crescimento genuíno cristão, em cada caso que nos surge. A privação que os pais de um deficiente atravessam é normalmente muito acentuada, a super-protecção e as dificuldades são enormes, portanto seria de grande motivação fazerem-se reuniões de oração e de convívio nestes

lares, fazendo assim com que

eles enxerguem o problema como sendo uma bênção

Divina tanto para eles como

realidade é verídico. Quantos deficiências chegam a

para os outros, o que na

apresentar elevados índices de expectativas inesperadas e proveitosas, visto para Deus nada ser impossível...! Muitas pessoas, ao cruzarem-se Muitas pessoas, ao cruzarem-se na rua com crianças deficientes, olham para elas de uma forma que vai causar embaraço para a mãe da criança. Essas pessoas deveriam antes visitar e edificar essas mães e essas crianças. Cristãos, os Deficientes Mentais são pessoas que necessitam de amizade e de salvação! Necessitam de:

ouvir o Evangelho, e como tu, ter a oportunidade de crer em Cristo, e ser liberto

em Cristo; compreensão, que não pode ser isolada do amor. Com o amor tudo se supera.

alguém que sinta as suas necessidades, com bastante serenidade, pois são pessoas dependentes; assim, necessitam não só da nossa ajuda, mas de apoio físico e espiritual, além da nossa presenca.

O isolamento pode ser também muito prejudicial no meio cristão, e só poderá causar muitas feridas. Se você quer imaginar o problema destes seres dependentes, pense: toda a criança é especial, nós é que devemos ir ao seu encontro. A Igreja tem todo o poder e direito de verificar esta situação, demonstrando compaixão e integração no problema que representa um sentimento e necessidade profundos na vida humana Îsto não significa que cada cristão se torne num obreiro experimentado nesta área. Basta sim que compreenda em todos os Evangelhos o carácter de Jesus Cristo, o Seu ministério de misericórdia e de compaixão, e então servir cada ser humano dentro da sua chamada específica, não só no Ano Internacional do Déficiente, mas sempre!

> dia 14 de Março de 1982

io Divide di

Entregue ao agente do Jornal na sua

İRMÃOS

Pretendo assinar inmãos a partir do no período de um ano

NOME

igreja

MORADA

IGREJA/MORADA

Precos de assinatura

amigo patrocinador avulso

80\$00 100\$00 150\$00 20500

Responsável e coordenador Jorge Rodrigues Arranjo Gráfico e maquete Osvaldo Castanheira Fotografia Carlos Lacerda, Jorge Rodrigues, Osvaldo Castanheira Serviços de apoio adaptação de textos Dina Calaim, revisão de provas Naiete

Propriedade GDI IS Grupo Dinamizador de Jovens Irmãos Sul

Administração e publicidade Jornal Irmãos Apartado 65 — 2726 MEM MARTINS CODEX

Composição, Montagem e impressão NÚCLEO

Colaboram neste número Alan Pallister, Donald Crane. Fernando Ascenso da Silva, Jaime Rodrigues, Jorge Rodrigues, Maria das Graças Fontoura, Osvaldo Castanheira.

Os artigos deste jornal são da inteira responsabilidade dos seus autores, podendo ser transcritos desde que devidamente citada a sua procedência. Distribuição Coimbra David Varandas Espinho e Lousada Pedro Andrade Sangalhos Abel Pires Aveiro Ruben Fontoura Por-

to Livraria Esperança, José Carlos Oliveira, Fernando Vasco, Álvaro Pinheiro Lisboa nas igrejas Amoreiras João P. Luz Areeiro João Velez Beato Reinaldo Silva Castelo José Carvalho Omeça David Vilhena Sta Catarina Fernando Tavares Sintra António Calaim Torcatas José Água

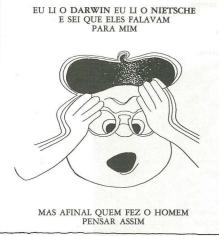
FICHA.TÉCNICA

ASSINATURAS



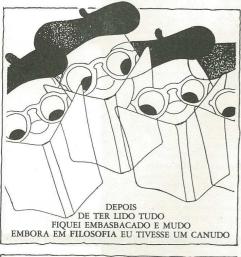






















DIA DE NATAL

António Gedeão



Perdão, Senhor, para quantos na noite de Natal confundem o teu nome com o seu desejo

António Cabral

Hoje é dia de ser bom. É dia de passar a mão pelo rosto das crianças, de falar e de ouvir com mavioso tom, de abraçar toda a gente e de oferecer lembranças.

É dia de pensar nos outros — coitadinhos — nos que padecem, de lhes darmos coragem para poderem continuar a aceitar a sua miséria, de perdoar aos nossos inimigos, mesmo aos que não merecem, de meditar sobre a nossa existência, tão efémera e tão séria.

Comove tanta fraternidade universal. É só abrir o rádio e logo um coro de anjos, como se de anjos fosse, numa toada doce, de violas e banjos. entoa gravemente um hino ao Criador. E mal se extinguem os clamores plangentes, a voz do locutor anuncia o melhor dos detergentes.

De novo a melopeia inunda a Terra e o Céu e as vozes crescem num fervor patético. (Vossa Excelência verificou a hora exacta em que o Menino Jesus nasceu? Não seja estúpido! Compre imediatamente um relógio de pulso antimagnético.)

Torna-se dificil caminhar nas preciosas ruas.

Toda a gente se acotovela, se multiplica em gestos, esfuseantes.

Todos participam nas alegrias dos outros como se fossem suas
e fazem adeuses enluvados aos bons amigos que passam mais distante.

Nas lojas, na luxúria das montras e dos escaparates, com subtis requintes de bom gosto e de engenhosa dinâmica, cintilam, sob o intenso fluxo de milhares de quilovates, as belas coisas inúteis de plástico, de metal, de vidro e de cerâmica.

Os olhos acorrem, num alvoroço liquefeito, ao chamamento voluptuoso dos brilhos e das cores. É como se tudo aquilo nos dissesse directamente respeito, como se o Céu olhasse para nós e nos cobrisse de bênçãos e favores.

A Oratória de Bach embruxa a atmosfera do arruamento. Adivinha-se uma roupagem diáfana a desembrulhar-se no ar. E a gente, mesmo sem querer, entra no estabelecimento e compra—louvado seja a Senhor!—o que nunca tinha pensado comprar. Mas a maior felicidade é a da gente pequena. Naquela véspera santa a sua comoção é tanta, tanta, tanta, que nem dorme serena.

Cada menino abre um olhinho na noite incerta para ver se a aurora já está desperta. De manhāzinha salta da cama, corre à cozinha mesmo em pljama.

Ah!!!!!!!!!

Na branda macieza da matutina luz aguarda-o a surpresa do Menino Jesus.

Jesus,
o doce Jesus.
o mesmo que nasceu na manjedoura,
veio pôr no sapatinho
do Pedrinho
uma metralhadora.

Dia de Confraternização Universal, dia de Amor, de Paz, de Felicidade, de Sonhos e Venturas. E dia de Natal. Paz na terra aos Homens de Boa Vontade. Glória a Deus nas Alturas.

COMO SURGIU?

TEMA?

Deus tem colocado no coração de alguns servos a visão de «Unidade no Corpo de Cristo» como sendo uma necessidade urgente e essencial na Igreja. Muitos crentes abençoados pelo «Discípulo 77» têm orado desde há muito pela continuação desta acção reconciliadora dentro do Corpo de Cristo, em Portugal.

«Unidos no Corpo de Cristo». Da mesma forma que o Senhor Jesus orou «Para que todos sejam um, e perfeitos em unidade» (João 17:21-23) nós nos colocamos à disposição para o trabalho que o Espírito Santo quer fazer. DISCÍPULO-81 UNIDOS NO CORPO DE CRISTO



28 DE NOV. A 1 DE DEZ. DE 1981 ALBERGARIA-A-VELHA PROGRAMA?

LOCAL? INFORMAÇÕES?

Exposição da carta aos Efésios por vários oradores. Palestras com temas diversos, visando vários aspectos da Unidade (O Indivíduo, a Família, a Igreja). Mini-Grupos. Tempo para louvor e intercessão. Refeições em comum. E muito

Albergaria-a-Velha.
Quem pode ir?
Quem crer que o Senhor quer
fazer algo de novo em si
próprio, na Sua Igreja.
Escreva para:
APARTADO 402
3908 AVEIRO CODEX
e receberá todas as informações
necessárias.